

MYRIAM SZABE, 41 ANOS. Desde que se lembra que gosta de dançar. Ser bailarina foi um sonho realizado e a dança do ventre veio mostrar-lhe outra forma de se relacionar com o seu corpo. Não é feminista, mas sabe que as mulheres podem fazer mais por um mundo melhor.

Texto Sara Costa Fotografia Mariana Sabido

DANÇAR POR UM MUNDO MELHOR

Em Fevereiro do ano passado encontrou a casa simpática onde agora vive. Com o apoio da Câmara de Serpa organizou um estágio e mostrou que tinha alguma coisa para dar. A iniciativa, logo no mês de Agosto, foi um sucesso e contou com a participação de mulheres de todo o mundo. Seguiu-se imediatamente um outro para a população local. Entretanto, apresentou uma proposta das suas possíveis funções naquela pequena vila alentejana, em que sugere intercâmbios entre as várias instituições, de forma a criar uma dinâmica entre elas, para além de organizar eventos pontuais e, aos poucos, ir formando um grupo de dança. Agora encontra-se também a co-produzir um espectáculo da sua autoria, A História de Yanarava, com o grupo de teatro BAAL 17, a companhia residente de Serpa.

Como é viver no campo?

É bom. Também já estava habituada porque sou budista e passei muitos anos em retiro. O budismo é uma componente cada vez mais importante na minha vida, que me ajuda a fazer o meu trabalho em termos sociais. Como passo muito tempo com muitas pessoas a fazer coisas, sinto que o momento de recolha é importante, porque é aí que vai nascer a possibilidade de criar.

Gosta de ser bailarina?

Sempre tive jeito para a dança, mas não tenho ambição profissional a esse nível porque não me realizo dessa forma. A minha realização passa por me tornar útil dentro do meu potencial, melhorando-

Quem é



Myriam Szabe

A primeira vez que veio a Portugal para ficar foi em 1985, mas já antes, ainda adolescente, com 17 anos, queria sair de França para viver no nosso país e comprar um moinho. O sonho realizou-se mais tarde quando se casou com um português e foi morar para o Porto. Antes disso tinha-se tornado budista, e por sorte a comunidade a que pertence tem vários centros em Portugal. Bailarina desde criança, não teve uma infância feliz e desde muito cedo conheceu a fama, nas companhias por onde foi passando, nos anúncios publicitários que foi fazendo. Já em Portugal, descobre os encantos da dança oriental e quer, finalmente, ver os frutos do seu trabalho crescerem e amadurecerem. Serpa é o lugar eleito. Um percurso de vida atribulado em que o mais importante continua a ser a descoberta interior.

me sempre. Agora está a correr tudo bem, mas nada garante que vai continuar assim e pode ser que uma bailarina deixe de ser precisa. A vida continua e os imprevistos fazem parte dela.

Como começou a praticar dança oriental?

Um amigo sempre me disse que eu tinha de experimentar. Nessa altura ainda não existia cá em Portugal. Insistiu tanto que, em 1994, acabei por ir a Paris fazer umas aulas. Depois treinei muito sozinha.

E o que é que achou?

Adorei, porque encara a relação com o corpo de outra maneira. E tem a vantagem de se poder praticar em qualquer idade, independentemente da condição física. A pessoa tem de se descontrair e ser o mais natural possível, por isso é fácil usar a dança oriental como terapia. Embora os homens também dancem, esta é uma dança feminina.

É feminista?

Não defendo os direitos da mulher mais do que os direitos dos animais ou das crianças e, nesse sentido, não sou feminista. Respeito, acima de tudo, a vida. Mas as mulheres estão cada vez mais activas e têm o dever de levar o mundo por outro caminho, porque o fruto de todos estes séculos de patriarcado não é extraordinário. Hoje temos melhores condições de vida, mas sentimo-nos piores do que nunca. As pessoas ou estão deprimidas ou morrem de fome. Metade do planeta a morrer de fome e a outra

deprimida? As mulheres podem fazer com que haja mais respeito, paz e amor.

E cá em Portugal, há muitas pessoas a fazerem dança oriental?

Cada vez mais. As bailarinas aqui são muito boas. Eu estou surpreendida com a qualidade dos trabalhos. Têm bom gosto e trabalham com criatividade.

Como estão a correr as coisas em Serpa?

Está a ser uma descoberta que apenas começou.

Sente-se feliz?

Tenho uma sorte extraordinária, chego a ter vergonha de estar tudo a correr tão bem. Mas não é só isso, sinto-me feliz também porque começo a perceber o sentido da minha vida, que é o mais importante. Para estar feliz tenho de saber que estou no lugar certo a fazer o que sei, o melhor que posso.

Encara a sua vida como uma missão?

Ser-se um ser humano é uma responsabilidade. Tudo o que pensamos, dizemos ou fazemos vai interagir com outras pessoas. Na dança e na música isso é ainda mais significativo porque são matérias que não precisam de ser traduzidas. Em todas as danças nota-se que as interacções entre seres humanos são muito fortes. Todos têm de ser responsáveis para usarem o seu potencial da melhor forma possível. x

Myriam Szabo
Sinto-me feliz porque
começo a perceber o sentido
da minha vida, que é o mais
importante.

